

CATARINA DE SIENA: UMA CONTRIBUIÇÃO FEMININA AO PENSAMENTO E À ESPIRITUALIDADE OCIDENTAL

*Elizabeth Gomes**

RESUMO

A vida genial e a obra de Catarina de Siena marcam-na como simples mulher piedosa que se tornou embaixatriz, conselheira e doutora da igreja, na tentativa de influenciar e reformar uma igreja corrupta, bem como uma política venal e torpe – de dentro para fora –, influenciando papas, prelados, simples mulheres, frades e freiras discípulos, reis e vassallos da Europa medieval. Mantendo-se dentro da igreja romana, ela reconhecia algumas das suas heresias e buscava uma fé arrependida da parte daqueles que estavam no poder. Foi a mulher que mais marcou sua época e sua história, por amor do “sangue de Cristo”.

PALAVRAS-CHAVE

Catarina de Siena; Igreja Católica; Paixão por Cristo; Varonilidade; Comunhão; Chamado; Mãe.

INTRODUÇÃO

Por que uma pessoa de visão protestante e reformada escolheria uma santa da Igreja Católica Romana como tema de estudo? O que a curta vida de uma contemplativa teria a ver com mulheres e homens do século 21 que queiram discernir e impactar a igreja cristã, bem como o mundo tenebroso em que estão inseridos?

Comecei a pesquisar biografias de mulheres que tiveram influência positiva sobre a vida da igreja desde seu início, quando Jesus foi seguido e auxiliado

* Formada no Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper com o grau de Magister Divinitatis (M.Div.) na área de Filosofia e Teologia. Autora e tradutora de muitos livros.

“também por algumas mulheres” (Lc 8.2-3).¹ Pretendia procurar exemplos de mulheres de quatro épocas diferentes e mostrar o que as caracterizava e as diferenciava dos milhares de seguidores de Jesus Cristo. Cogitei de uma pessoa da era patrística, uma da era medieval, uma da Reforma e uma dos tempos atuais. Contudo, o material ficou tão extenso que não caberia em um livro de quinhentas laudas, quanto mais em um breve artigo. Porque sempre imaginei a Idade Média como uma época de trevas e as suas mulheres como de pouca ou nenhuma ação, e tendo ficado surpresa por saber que duas delas foram designadas pelos papas como “doutoras da igreja”, fiquei de escolher entre as figuras medievais de Hildegarda de Bingen e Catarina de Siena. Novamente surpreendida pela riqueza dessas vidas dedicadas ao Senhor, tive de delimitar ainda mais o assunto – e escolhi a que menos se parecia com as mulheres de destaque do século atual.

Diz a historiadora eclesiástica Mary Malone:

Jamais houve época na história cristã em que as mulheres não estivessem fisicamente presentes – todos... estiveram envolvidos com mulheres, essencialmente como mães e doadoras de vida... como esposas, amantes, mentoras, mestras, e, ocasionalmente, amigas. A autoidentidade de todo líder cristão masculino foi formada contra o pano de fundo das mulheres *invisíveis* e silentes que tornaram possíveis suas vidas públicas.²

É intrigante a história de mulheres cristãs que contribuíram para a formação do pensamento filosófico ocidental num mundo dominado pelo gênero masculino. Essa história é valiosa para oferecer aos estudantes de teologia filosófica e aos leitores em geral um respaldo para reflexão e produção literária e acadêmica que vise maior compreensão da ética entendida e vivenciada por mulheres cristãs.

O presente artigo responde três perguntas sobre esta pensadora: 1) Qual o impacto da mulher cristã no mundo em que está inserida? 2) Quais os empecilhos que ela precisa sobrepujar devido a seu gênero? 3) Quais as contribuições singulares, ligadas ou devidas a sua condição de mulher, diferentes daquelas de pensadores masculinos?

Em 25 de março de 1347, nasceu Catarina, 23ª filha de Jacopo e Lapa Benincasa, tendo uma irmã gêmea que morreu ao nascer. Na movimentada casa de um tingidor de peles e tecidos, aos seis anos de idade, Catarina teve sua primeira visão (de Cristo em vestes sacerdotais, acima da igreja de São Domingos). Inspirada pelo anseio de imitar os Pais do Deserto, Catarina

¹ GOMES, Elizabeth. *Mulheres no espelho*. Belo Horizonte: Editora Betânia, 1996, p. 90.

² MALONE, Mary. *Women and Christianity*. Vol. I: The First Thousand Years. Nova York: Orbis, 2001.

iniciou a prática de muitas penitências, fazendo, aos sete anos, voto de perpétua virgindade.

Em sua casa, tais práticas ascéticas eram condenadas. Seus pais e irmãos queriam que a bela moça de longos cabelos loiros se arrumasse bem e arranjasse um bom casamento – solução pragmática para toda moça de família grande com precários recursos financeiros. Forçada aos trabalhos caseiros comuns a toda mulher, aos 16 anos de idade (1363-1364) Catarina se tornou terciária dominicana, recolhendo-se em sua própria casa.³ Com a morte do pai em 1368, a família perdeu todos os bens, ainda que Catarina conseguisse manter a residência familiar na qual cuidou de sua mãe, Lapa, até o final da sua vida.

Dominavam a Idade Média dois grandes ideais de unidade – um romano e outro de origem cristã. As hordas de bárbaros tinham sido reduzidas e disciplinadas, e na Europa Ocidental havia alguma percepção de comunhão humana. A energia da mente de Catarina estava em constante crescimento e ela escrevia longas e carinhosas cartas de conselho espiritual a discípulos de perto e de longe. Sua correspondência política – tensa, nervosa, viril, respirando vibrante paixão e força indicativas de um coração que se quebrava – também crescia. A base doutrinária de Catarina sempre foi a Igreja, corpo místico de Cristo. Denunciou as faltas e deficiências dos poderosos, mostrando-se deferente diante da autoridade legítima da igreja universal, que ela entendia como romana, querendo preservar, purificar e orientar essa *Santa Chiesa* para o bem de todos.

Viajou, acompanhada de frei Raimundo de Cápua, a Pisa, a Florença, à França e a Roma. A partir de 1374, quando foi enviada de Florença como embaixatriz a Avinhão, com apenas dois breves intervalos, ela viveu a vida de uma atarefada *woman of affairs* (mulher de grandes realizações). Sua paixão espiritual sofria pela disparidade entre o sinal e o que é significado, e ela dedicou todos os seus esforços para restaurar e purificar esse sinal – a igreja universal de Cristo.

Catarina confrontava uma igreja conformada com a imagem do mundo. A volta dos papas de Avinhão para Roma não resultou, como ela esperava, na pacificação da cristandade nem na reforma da igreja. Catarina viveu e morreu na visão da comunhão da humanidade em nome de Cristo.

1. MINISTRANDO AOS CARENTES

“Em obediência aos mandamentos de Deus e impelida por seu amor aos homens”, Catarina ministrava aos necessitados. Ela buscava servir os prisioneiros, os pobres e doentes, as vítimas da peste (que entre 1374 e 1400 matou mais de 350 milhões de pessoas na Europa – entre 30 e 60% de toda a

³ Frei Josaphat diz que ela foi “leiga *mantelata*”, não ligada a qualquer regra ou superior. JOSAPHAT, Carlos. *As santas doutoras: espiritualidade e emancipação da mulher*. São Paulo: Paulus, 2005.

população). Um terço da população de Siena foi dizimado. Entre as vítimas de sua cidade, morreram dois irmãos dela e oito sobrinhos. Contam que, num episódio extremo, Catarina pôs os lábios na ferida cancerosa de um paciente no hospital como um ato de contato direto com as chagas de Cristo.⁴

A uma humilde sobrinha que entrara no convento e estava desanimada da vida, ela escreveu:

Desejo ver-te nutrida do alimento angélico, pois de outra feita não poderias ser verdadeira noiva de Cristo crucificado, consagrada a ele pela religião verdadeira. Não vás desperdiçando teu tempo. Banha-te, inunda-te no doce sangue de teu noivo... sê firme e madura em ti mesma; serve as irmãs com ternura e toda vigilância... cuidado para não prender teu coração a ninguém senão Cristo crucificado...

A um secretário deprimido por haver pecado e questionando sua fé, temeroso de ter perdido a salvação, escreveu:

Desejo que a confusão de tua alma seja consumida e desapareça na esperança do Sangue e no fogo do amor imensurável de Deus, e que nada permaneça salvo o verdadeiro conhecimento de ti mesmo, em que tu te humilhas, cresces e nutres a luz em tua alma. Não estará Ele mais disposto a perdoar do que mesmo nós a pecar? Não é Ele o Mediador e nós o doente? Ele não considera a confusão da mente pior do que todas as demais falhas?... Sendo assim, querido filho, abre os olhos de teu intelecto à luz da mais santa fé e considera o quanto és amado por Deus... Tu sabes que a confusão discorda totalmente da doutrina que te foi dada. É lepra que seca alma e corpo... dispondo a mente aos conflitos e variadas fantasias, furtando a luz sobrenatural da alma, obscurecendo sua luz natural... Ele nos criou na verdade a fim de nos dar a vida eterna. Que o diabo da confusão seja vencido! Retorna ao mar de paz onde jamais terás medo de separar-te de Deus... vive morto para a vontade própria e nesta morte ganharás a virtude. Conforta-te em que nenhuma pessoa se perderá das mãos de Cristo, pois tudo é dele.⁵

À medida que se espalhavam notícias sobre as visões de Catarina, as pessoas vinham vê-la em seus transes. Entre tais êxtases, em disposições de caloroso bom-senso terreno, ela resolvia querelas civis, convertendo notórios cafajestes à penitência e fé.⁶ Adquiriu fama e discípulos que a veneravam, chamando-a de “mãe”, como, disse ela, “a mãe traz o filho ao peito”.

⁴ TUCHMAN, Barbara. *A Distant Mirror: The Calamitous 14th Century*. Nova York: Ballentine, 1978, p. 323-328.

⁵ A Neri de Landoccio dei Pagliaresi. In: *Letters of Catherine Benincasa* (loc. 1105), Kindle books on-line.

⁶ TUCHMAN, *A Distant Mirror*, p. 325.

2. MINISTRANDO AO MUNDO POLÍTICO

A partir de 1370, Catarina aumentou sua participação na vida pública, exortando governantes, preladados, conselhos de cidades e indivíduos em cartas de orientação política e espiritual. Nessa época, ela “morre misticamente” e recebe a ordem de ir pelo mundo salvando as almas. Raimundo de Cápua conta que Catarina ouviu as seguintes palavras de Deus:

A salvação dos homens exige que tu voltes à vida. Mas não viverás mais como até agora. O pequeno quarto não será mais tua costumeira moradia; pelo contrário, para a salvação das almas deverás sair de tua cidade. Estarei contigo na ida e na volta. Levarás o louvor do meu nome e a minha mensagem a pequenos e grandes, a leigos, clérigos e religiosos. Colocarei em tua boca uma sabedoria, a qual ninguém poderá resistir. Conduzir-te-ei diante de papas, de bispos e de governantes do povo cristão a fim de que por meio dos fracos, como é do meu feitio, eu humilhe a soberba dos fortes.⁷

2.1 *Embaixatriz, reformadora*

Florença comissionou-a como embaixadora para negociar a reconciliação com o papa e a remoção do interdito.⁸ Contudo, para Catarina, sua maior missão era o apostolado para toda a humanidade, por meio de sua própria incorporação com Deus e Jesus, mediante uma purificação e renovação da Igreja.

Ela insistia com o papa Gregório XI (1370-1378), a quem chamava de *dolce babbo mio*, para que ele começasse a reforma, designando sacerdotes dignos, pacificando a Itália não por meio de armas, mas com misericórdia e perdão, voltando a Roma não com uma guarda armada e espada, mas com a cruz na mão como o Bendito Cordeiro, “pois me parece que a Bondade divina está preparando para transformar os lobos furiosos em cordeiros... e os trará, humildes, ao vosso seio... Ó Pai, paz, por amor de Deus!”⁹

A própria Catarina não foi desobediente, considerando seu fundamento a igreja de Roma, o papado, o sacerdócio, a ordem dominicana, seu lar e sua santidade. Ela repreendia *de dentro do aprisco*.

A sua autoridade era a voz de Deus falando diretamente a ela, preservada no *Diálogo*, que foi ditado aos seus secretários-discípulos, os quais creram que foram dados “pessoalmente por Deus o Pai, que falou segundo a mente da gloriosa e santa virgem Catarina de Sena... estando ela em transe e ouvindo a voz real de Deus falando com ela”.¹⁰

⁷ RAIMUNDO DE CÁPUA, *Biografia de Santa Catarina de Sena*, livro III, cap. 1, citado em CATARINA DE SIENA, *O Diálogo*. Trad. João Alves Basílio. São Paulo: Paulus, 2008, p. 7.

⁸ TUCHMAN, *A Distant Mirror*, p. 325.

⁹ Carta nº X.

¹⁰ TUCHMAN, *A Distant Mirror*, p. 324.

2.2 *Promotora de cruzadas*

As cruzadas eram o sonho de espalhar a fé por todo o mundo, desviando a atenção das constantes guerras entre ingleses e franceses, e entre os diversos reinos italianos, unindo a todos contra inimigos comuns – muçulmanos e judeus. Catarina convenceu o Papa Gregório XI a declarar uma cruzada em 1373. Em todas as cartas de seu pontificado, Gregório via as cruzadas não só como guerra defensiva contra os turcos, mas como meio de reconciliação entre França e Inglaterra, e esvaziamento dos mercenários da Europa.

2.3 *Conselheira do supremo pontífice*

Catarina travou conhecimento com frei Raimundo de Cápua, um nobre de grande cultura e futuro geral da Ordem Dominicana, que se tornou seu confessor e biógrafo. Cápua foi intérprete de Catarina quando em Roma, porque ela falava somente a língua toscana e o papa, francês e latim.

Em 1376, Catarina foi a Florença e de lá foi enviada por Gregório XI a Avinhão como representante para negociar a paz entre os dois papados. Em Avinhão seus objetivos foram converter os chefes e líderes e trazê-los à obediência, bem como converter o papa e os cardeais e colocá-los a serviço dos fiéis e do conjunto da população. Catarina sentia-se oprimida pela atmosfera de sensualidade daquela cidade. O “fedor do pecado”, bem como a curiosidade das grandes damas, que cutucavam e beliscavam seu corpo a fim de testar os êxtases depois da eucaristia,¹¹ muito a afligiam, mas ela estava determinada a cumprir sua missão no mundo.

Em *The Outline of History*, H. G. Wells comenta que, enquanto a igreja do século 13 estendeu seu poder legal no mundo, perdeu o pulso sobre a consciência dos homens, tornando-se menos persuasiva e mais violenta. Em todo o século 14, o papado nada fez para recuperar seu poder moral – pelo contrário. Clemente V foi escolhido pelo rei Filipe IV da França e estabeleceu a corte em Avinhão, onde, com seus maus hábitos e associações francesas, todos os papas permaneceram até 1377, com Gregório XI.¹² Isso chegou ao fim pela influência dessa simples mulher, Catarina de Siena, que convenceu o papa a voltar para Roma.

O rei Carlos V e os cardeais franceses não queriam que o papa retornasse para Roma, e tentaram dissuadir Gregório, mas Catarina deu-lhe forças para resistir às pressões. Quando Roma prometeu submissão se ele voltasse, o papa não mais pôde adiar a sua volta. Seu próprio pai, o Conde Guilherme de Beaufort, jogou-se ao chão implorando que ficasse, mas Gregório pisou sobre ele, citando o Salmo 91.13 (“Pisarás a áspide e o basilisco”), entrando na cidade

¹¹ Ibid., p. 326.

¹² WELLS, H. G. *The Outline of History*. Nova York: Macmillan, 1921, p. 662-665.

eterna em janeiro de 1377. Foi curta a sua estada em Roma, pois Gregório morreu em março de 1378.

A Igreja se tornara dependente do sistema financeiro desenvolvido durante o exílio em Avinhão, centro comercial da França, onde o próprio papa, bem como os líderes da igreja, tinham inúmeras transações comerciais. Apesar de reconhecer a necessidade de reforma, a hierarquia resistia a ela fortemente. Se o papa a tentasse, os prelados resistiriam e a igreja estaria dividida como se fosse pestilência de hereges.

Com a morte de Gregório XI em 1378, foi eleito o italiano Bartolomeo Prignano, arcebispo de Bari, que se tornou o papa Urbano VI. Totalmente despreparado para o trono papal, Urbano foi transformado em implacável flagelo da simonia – menos movido por zelo religioso do que por simples ódio e inveja de privilégios. Repreendia publicamente os cardeais por se ausentarem, viverem vidas de luxúria e lascívia, e aceitarem dinheiro e outros favores das fontes seculares. Proibiu vender ou obter benefícios e ordenou ao tesoureiro papal que não lhes pagasse a metade do dinheiro dos benefícios usuais e, sim, utilizasse esse dinheiro para a restauração das igrejas de Roma. Tratava-os sem tato ou dignidade, seu rosto ficando roxo e a voz rouca de fúria, gritando invectivas de baixo calão e dizendo “Cala a boca” aos mais antigos cardeais. Estes, que o haviam eleito com a esperança de continuar o próprio domínio corrupto e poderoso, agora procuravam removê-lo.

A reação de Catarina ante a impiedade fez com que ela exclamasse:

Infelizes homens! Vós que vos nutris no seio da Igreja, como flores de seu jardim, para exalar o doce perfume, sendo pilares do Vigário de Cristo... lâmpadas para iluminar o mundo e difundir a fé... vós que fostes anjos sobre a terra, virastes para o caminho do diabo... o veneno do egoísmo destrói o mundo!

Como ser útil à Igreja e ao mundo? Catarina acreditava que: (a) Não se devia confiar nas ações e penitências externas, mas sim no amor e na contrição, na força infinita da graça e no “infinito desejo que ela suscita”. (b) Tinha consciência de que todo pecado e toda virtude tem uma dimensão pessoal e uma dimensão comunitária, social. Visam a Deus e ao próximo, à Igreja e ao mundo. (c) É preciso viver no conhecimento de si e de Deus, na humildade e caridade, na discricção que é a virtude do verdadeiro discernimento do bem a fazer aqui e agora.¹³

3. ANALFABETA E ESCRITORA GENIAL

De 1370-1374 cresceram a reputação e influência de Catarina. Ela fez muitos discípulos, desenvolvendo uma extensa correspondência que a tornou

¹³ RAIMUNDO DE CÁPUA, *Biografia de Catarina de Sena*, p. 53-54.

conhecida como pacificadora. Sua correspondência era feita com o auxílio de diversos amanuenses, pois ela só aprendeu a escrever – e atribuiu isso a um milagre – perto do final de sua vida. Outra versão da história diz que foi ensinada a ler aos 20 anos de idade por uma irmã dominicana de nobre estirpe. Quanto mais Catarina avançava na mística, conforme diz Carlos Josaphat, tanto mais se fazia presente na política, ditando diretivas para o papa e para os chefes de diversas cidades, reinos e principados.

Suas cartas transmitem um profundo amor a Deus e ao próximo, e sábia perspicácia de mente. São conhecidas 381 cartas, sendo dentre elas 23 escritas a papas, 13 a reis e rainhas e 38 a diversos governantes, bem como 16 a membros de sua família. Por mais respeitosa que fosse, Catarina não poupava palavras quanto aos erros daqueles que desejava salvar.

4. ÊXTASES, MISTICISMO E ORAÇÕES

Seu estilo incomum de vida e seus constantes êxtases provocaram muitas suspeitas. Teve voz insistente e seguidores ardentes, sendo reverenciada pela experiência desses êxtases e por dizer ter recebido os *stigmata* das cinco feridas de Cristo sobre as mãos, os pés e o coração (visíveis somente para ela).

A visão católica da Igreja como noiva de Cristo é contrária à visão bíblica protestante: ela não enxerga o sacerdócio universal de todos os crentes, nem o *leigo* como parte da Igreja, e sim, somente as mulheres que juraram celibato – freiras, monjas e *mantelatas* ou *beguinas* – próximas ao clero (que são apenas os sacerdotes e frades). Mulheres santas e separadas, preferivelmente virgens (se bem que havia viúvas ou mulheres que abdicaram de vida de casada) seriam as únicas *noivas de Cristo*.

Catarina afirmava que Cristo confirmou o seu noivado:

“não com um anel de prata, mas com um anel de sua própria santa carne, tirada quando ele foi circuncidado como infante”. Jesus a tomou como noiva numa cerimônia oficiada por sua santa Mãe, assistida por São João, São Paulo e São Domingos, sendo o rei Davi o instrumentista que tocou a música da harpa.¹⁴

Não obstante as viagens fantásticas indicadas por histórias como esta, Catarina teve algumas percepções sábias quanto às implicações de ser noiva/esposa de Cristo: coração largo por pensamentos e imaginações santas e oração, estreito para com as coisas da terra. Na sua carta a Nanna, uma sobrinha que entrara no convento, escreveu:

Para ser noiva de Cristo é necessário possuir lâmpada, azeite e luz. A lâmpada é nosso coração... largo em cima, por pensamentos e imaginações santas e

¹⁴ TUCHMAN, *A Distant Mirror*, p. 324.

oração contínua. Abaixo, a lâmpada é estreita para com as coisas terrenas – não as amando ou desejando-as com extravagância, mas sempre grata a Deus por tudo que ele provê. Essa lâmpada não serviria se não tivesse o azeite, a doce virtude da humildade e paciência, tendo verdadeiro conhecimento próprio, sabendo de nossas fraquezas e permanecendo a memória no conhecimento da bondade de Deus...¹⁵

Questionamos a veracidade dos êxtases de Catarina, mas não podemos negar seu lado prático e consciente de intervir na política e vida social vigente, de modo a trazer algum senso de realidade de vida cristã e salvar o mundo conturbado em que vivia.

Catarina se colocou em pé de igualdade com as humildes freiras contemplativas, ao mesmo tempo em que se provava mulher de grande dinamismo. Ambas as experiências estavam relacionadas a algo mais profundo: sua alma tinha sede do infinito. Bem sabia que nem em obras nem em êxtase ascético, mas tão somente no “desejo santo”, na vida de aspiração incessante *coram Deo*, é que seu coração era completamente quebrantado, até o dia em que declarou: “Ó Deus, recebi o sacrifício de minha vida neste corpo místico da Santa igreja. Nada tenho para dar, salvo o que vós me destes. Tomai, portanto, esse meu coração, e imprimi-o sobre a face de vossa Esposa”.¹⁶ Morreu “de coração quebrado”, aos 33 anos.

CONCLUSÃO

Catarina intervém, denuncia, suplica e exige em nome do evangelho, apelando sempre para o “sangue de Cristo”.¹⁷ Tem consciência de sua missão reformadora e da realização mediante os “seus” – aqueles “que o Pai lhe deu”, em clara referência à expressão usada por Jesus em João 17.

Uma afirmação constante de Catarina era “Sê homem!”, que dizia ao papa, a monges e freiras, a parentes e a políticos diversos. A “varonilidade de Cristo” era seu desejo – e tal expressão não estava ligada a qualquer ênfase de gênero masculino (ela mesma queria portar-se “varonilmente”), e sim à condição “de ser humano de caráter, verdade e confiabilidade”. Assim foi que Catarina escreveu a Urbano VI em 1380:

Portai-vos varonilmente para mim, no santo temor de Deus. Sede totalmente exemplar em palavras, hábitos e ações. Que tudo seja visto claramente à luz de Deus e dos homens, como luz colocada no castiçal da Santa Igreja, para a qual todos os povos cristãos observam e devem olhar.

¹⁵ CATARINA DE SIENA, Letter to Nanna, niece in Florence (loc. 669).

¹⁶ CATARINA DE SENA, *Orações*, p. 99.

¹⁷ JOSAPHAT, *As santas doutoras*, p. 39.

O desânimo entre os clérigos produziria na próxima geração o grande “herege” John Wycliffe e na seguinte Jan Hus,¹⁸ até que, um século depois, outro dominicano sairia do “aprisko de lobos romanos”, promulgando e sendo o instrumento de uma reforma total em bases verdadeiras – Martinho Lutero.

Teria sido diferente caso Catarina fosse homem? Parece que sua “fragilidade feminina” era um elemento a seu favor, pois

Deus escolheu as coisas loucas do mundo para envergonhar os sábios e escolheu as coisas fracas do mundo para envergonhar as fortes, e Deus escolheu as coisas humildes do mundo e as desprezadas e aquelas que não são, para reduzir a nada as que são, a fim de que ninguém se vanglorie na presença de Deus (1Co 1.27-29).

A constante tradição bíblica mostra Deus escolhendo os fracos para confundir os fortes, e cada [mulher assim escolhida por Deus] enuncia sua convicção de que primeiro importa obedecer a Deus do que os homens [At 5.20]. A substância da experiência mística dessa mulher se concentra numa vida de amor a Deus e compaixão pelo ser humano.¹⁹

Se pertencesse ao gênero masculino, talvez ela não tivesse desenvolvido a atitude maternal demonstrada tanto aos seus discípulos na vida restrita de Siena quanto nos interesses públicos dos poderosos da terra. Catarina via ambas essas escolas como importantes, por serem escolas de caráter designadas por Deus. Cumpriu fielmente sua “missão de mãe” (1Tm 2.15). Mesmo que tal atitude fosse possível a homens de Deus (Paulo se refere aos seus filhos espirituais como “meus filhos por quem de novo sofro as dores de parto, até ser Cristo formado em vós” – Gl 4.19), isso não era cultural ou socialmente viável aos homens do século 14.

O conteúdo filosófico e o argumento da obra de Catarina eram preocupações tipicamente excluídas pelo modelo dominante masculino da filosofia moral: cuidados, emoção, relacionamentos e o ser relacional contextualizado. O mundo e a igreja – que, em vez de influenciar o mundo para o bem, estava vendida ao príncipe do mundo – não eram paradigmas do Sumo Bem. Catarina foi aceita no século 14 como uma Débora do tempo dos juízes de Israel, que teve de sacudir Baraque de sua letargia e timidez (Juízes 4 e 5), ou Ester, numa corte de ímpios (“quem sabe se para conjetura como esta é que foste elevada a rainha?” – Et 4.14). A “não rainha” Catarina foi respeitada como realeza pelo mundo de sua época. O fato de ela ser mulher dava ânimo aos que se sentiam enfraquecidos e desarmava os que queriam se impor. Edmund Gardner exprime bem a impressão que temos dessa vida singular:

¹⁸ TUCHMAN, *A Distant Mirror*, p. 328.

¹⁹ MALONE, *Women and Christianity*, v. II, p. 101.

A Catarina foram dados dons mais raros do que a apaixonada fome e sede de justiça, um discernimento de espírito e intuição tão veloz e infalível que os homens achavam-na milagrosa... personalidade tão irresistível que homem nem mulher conseguia resisti-la. Possuía uma sabedoria simples, não ensinada, que confundia as artes e sutilezas do mundo, e com essas, uma fala tão dourada, tão preñhe de eloquência... que suas palavras, quer escritas, quer faladas, faziam os corações arder quando vinham as suas mensagens.²⁰

Não há dúvida de que em Catarina estamos diante de um dos gênios da era medieval, que teve a habilidade de despertar a indolência de Gregório XI e sacudir a imponência de Urbano²¹ com uma cartinha para destacar a moral da história:

Mitigai um pouco, por amor de Cristo crucificado, esses impulsos repentinos que a natureza força sobre vós. Em santa virtude, jogai fora a natureza a fim de torná-la sobrenaturalmente grande... estabelecei varonilmente vosso coração...²²

Apesar de seu ideal de perfeição e santidade desde menina, Catarina conhecia a si mesma, seu pecado, sua miséria – sabendo que, não fosse a graça e misericórdia divina, ela teria os mesmos pecados, ou piores, que aqueles de seu tempo. Sua igreja era cristã – mas apostatava por desconhecer as Escrituras e acrescentar a elas as tradições e os ensinamentos humanos. Catarina criativamente nos ensinamentos clássicos da igreja romana, e daí muitos de seus conceitos eram permeados de doutrinas que os protestantes consideram espúrias, principalmente a ênfase na eucaristia como repetição constante do sacrifício de Cristo, ao contrário do que ensina a carta aos Hebreus; no papa como vigário de Cristo na terra desde São Pedro e no acréscimo de obras para “merecer a graça”, contrariando o que ensina Efésios 2. Iriam se passar quase 200 anos antes que uma reforma verdadeira da igreja fosse realizada. Mas ela se dispôs “a começar em mim”. O estudo dessa santa da igreja romana – cuja ética não apenas conceitual, mas extremamente prática, influenciou em todos os aspectos da vida – deverá provocar em mulheres e homens cristãos reformados de nossa era uma disposição santa de pensar segundo Deus pensa, para agir conforme Deus quer.

²⁰ GARDNER, Edmund G. *Saint Catherine of Sienna*. *Hibbert Journal*, p. 577.

²¹ Com um presente, uma alegoria em forma de laranjas amargas, açucaradas por dentro para disfarçar o amargor, folheadas a ouro – belíssimas, mas intragáveis – confeccionadas pelas mãos da própria Catarina.

²² Carta a Urbano VI. In: *Letters of Catherine Benincasa*, Kindle books on line, p. 568.

ABSTRACT

Catherine of Siena's outstanding life and work show how a simple, pious woman became an ambassador, counselor, and doctor of the church as she attempted to influence and reform a corrupt ecclesiastical structure, as well as a venal and devious political system, from the inside out. She influenced popes, prelates, women, friars and nuns, kings and vassals in medieval Europe. Remaining inside the Roman church, she recognized some of its heresies and sought a repentant faith from those in power. She was the woman who made the strongest impact on her time and context, out of love for "the blood of Christ".

KEYWORDS

Catherine of Siena; Catholic Church; Passion for Christ; Manliness; Fellowship; Calling; Mother.